

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas em imiscuir-se ativamente com a vida prática, como construtor, organizador, "persuasor permanentemente" porque não é puro orador – e todavia superior ao espírito abstrato matemático; da técnica – trabalho chega à técnica – ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece "especialista" e não se torna "dirigente" (especialista + político).

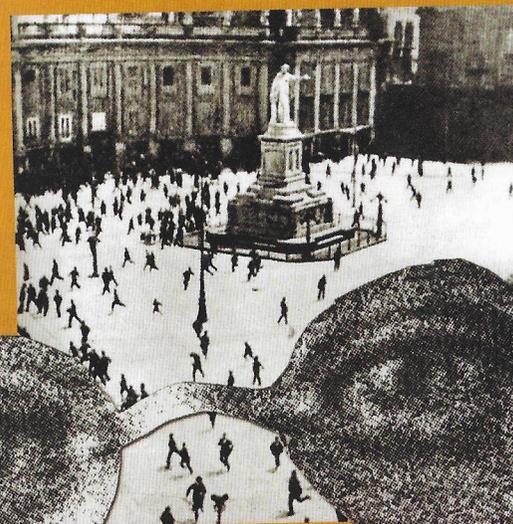
Antonio Gramsci

GIOVANNI SEMERARO

INTELECTUAIS, EDUCAÇÃO E ESCOLA

# INTELECTUAIS, EDUCAÇÃO E ESCOLA:

Um estudo do Caderno 12  
de Antonio Gramsci



GIOVANNI SEMERARO



9 786558 910282

expressão  
POPULAR

expressão  
POPULAR

Giovanni Semeraro

**INTELECTUAIS,  
EDUCAÇÃO E ESCOLA:**  
Um estudo do *Caderno 12*  
de Antonio Gramsci

Tradução do *Caderno 12*  
Maria Margarida Machado

1ª edição  
EXPRESSÃO POPULAR  
São Paulo • 2021

Copyright © 2021 by Editora Expressão Popular

Revisão: *Joana Tavares e Cecília da Silveira Luedemann*

Projeto gráfico: *Zap Design*

Diagramação e capa: *Gustavo Motta (colagem a partir de retrato de Antonio Gramsci, 1922; e Nápoles, 'Bienio Rosso': Dispersão da Passeata do 1º de Maio, 1920)*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S471i Semeraro, Giovanni  
Intelectuais, educação e escola: um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci / Giovanni Semeraro ; tradução do caderno 12 [de] Maria Margarido Machado. – 1.ed.– São Paulo : Expressão Popular, 2021. 240 p.

Inclui Caderno 12: Caderno do cárcere.  
ISBN 978-65-5891-028-2

1. Educação. 2. Intelectuais. 3. Escola. 4. Escritos políticos. 4. Antonio Gramsci, 1891-1937. 5. Caderno 12 – (Cadernos do cárcere). I. Machado, Maria Margarido. II. Título.

CDU 330.85  
37

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: julho de 2021

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 201 – Bela Vista  
CEP 01319-010 – São Paulo – SP  
Tél: (11) 3112-0941 / 3105-9500  
livraria@expressaopopular.com.br  
www.expressaopopular.com.br  
f ed.expressaopopular  
@ editoraexpressaopopular

A Gaudêncio Frigotto, que mostra ser possível realizar a “utopia” de Gramsci.

## SUMÁRIO

Prefácio .....	9
<i>Virgínia Fontes</i>	
Apresentação .....	21
1. Composição e estrutura do <i>Caderno 12</i> .....	27
2. Conexões do <i>Caderno 12</i> com a obra de Gramsci .....	63
3. Temas principais organicamente articulados .....	99
4. O embate com os projetos educacionais do fascismo e do liberalismo.....	143
5. O novo princípio educativo: "tornar-se 'dirigente' (especialista + político)" .....	167
Referências.....	187

## ANEXO

<i>Caderno 12 (XXIX) 1932</i> .....	193
<i>Antonio Gramsci</i>	

## PREFÁCIO

Virgínia Fontes<sup>1</sup>

Sinto-me muito honrada e é com enorme satisfação que prefacio este livro, escrito por um camarada e amigo, grande pesquisador e militante da educação. E não de qualquer educação, mas aquela que sabe seu papel de luta em prol de uma sociedade que supere os estreitos limites do capitalismo, educação engajada na socialização do conhecimento, da ciência, e do conjunto da existência. Este é um livro de um professor tarimbado, de um militante de todas as horas – Giovanni Semeraro – com larga experiência e profícua produção bibliográfica. Militante também da cultura, da ciência, da organização dos subalternos, alguém profundamente devotado aos estudos e à práxis, à luz da contribuição gramsciana.

Temos nas mãos um minucioso estudo teórico e filológico dos escritos de Gramsci, cujo mote central – *Intelectuais, Educação e Escola* – tem como ponto de partida o “Caderno 12” dos textos escritos no cárcere, mas sabendo que o tema circula por

---

<sup>1</sup> Historiadora, pesquisadora e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF).

todos escritos gramscianos. Semeraro evolui na totalidade da obra de Gramsci para apreender as nuances e modificações, o movimento em espiral realizado pelo comunista sardo que amplia as categorias ao procurar incorporar as condições concretas da vida social, os movimentos históricos nos quais se configuraram e as contradições nelas envolvidas.

Para além da amizade, do companheirismo e do respeito que dedico a Giovanni Semeraro, compartilhamos a luta comum por uma formação e por uma educação que não simplifiquem a complexidade do mundo, mas que apontem para as contradições agudas, dolorosamente sentidas, do interior das quais uma nova sociabilidade procura e precisa florescer. Uma educação na qual as novas gerações possam exercitar plenamente sua capacidade criativa e transformadora. Que não menospreze o papel da cultura – não reduzida a mero ornamento, mas como forma plena de sentir e de pensar, estreitamente compromissada com as condições da vida social, em sua relação com a natureza.

Embora leitora assídua de Gramsci, não tenho a erudição que Semeraro exhibe em sua evolução nessa enorme massa de materiais gramscianos, mesclando não apenas os cadernos escritos na cadeia, mas também a correspondência e os textos pré-carcerários, além de extensa bibliografia adicional. Semeraro enfrentou a enorme tarefa de realizar um “estudo filológico, histórico e teórico do *Caderno 12*”. Com esse trabalho, reafirma a importância política, filosófica e pedagógica de leituras densas, que respeitem plenamente as condições de redação dos textos de Gramsci, que correlacionem as questões trazidas por ele aos diversos contextos em que produziu sua obra, colocando-os em perspectiva, estabelecendo as datações precisas, apontando os acréscimos, modificações, assinalando outros textos e outros cadernos com os quais cada um dos grandes eixos temáticos definidos por Gramsci dialoga, evolve e avança. Apesar das pé-

ssimas condições em que se encontrava, o sardo empreendeu no cárcere um trabalho *für ewig*.

Em suma, Giovanni Semeraro aborda o conjunto da obra gramsciana para sua análise dos intelectuais, da educação e da escola. Consegue trazer de Gramsci esse impressionante jorro de água fresca e límpida que o fascismo tentou bloquear. Você verá, leitor, como brotam temas, categorias de análise, argutas intuições, elaborações complexas e possibilidades especialmente instigantes, todos de intensa atualidade. Verá também como tal fertilidade e abrangência não resulta numa organização segmentada em compartimentos (ou caixinhas) estanques, mas numa rica totalidade de relações. Espero que você sinta, como eu senti ao ler este livro, a sensação de que, a cada tema, Semeraro descortina como Gramsci abre inúmeras portas que ainda solicitam ser exploradas, nas quais precisaremos enfrentar os problemas reais com os quais nos debatemos. Descobrimos a possibilidade e a riqueza de adentrar tais espaços, apoiados na base teórica da qual parte – a filosofia da práxis – acrescida das contribuições de Semeraro. Sem essa base teórica, muitas vezes sequer percebemos as conexões entre tantas questões. Talvez Gramsci seja um dos autores que mais evidencia, na prática de seus textos, que a teoria não é ponto final, mas ponto de partida. Não algo seco que se decora, a repetir como velhos bordões, mas algo vivo, movimento do pensar voltado para e ligado com a práxis, que exatamente por isso precisa capturar o real em seu movimento efetivo.

Vá rapidamente, leitor, pois, ao encontro desta obra. Gramsci é um autor já bastante conhecido e respeitado no Brasil e você se surpreenderá como na análise filológica, histórica e teórica deste livro, Giovanni Semeraro compartilha generosamente conosco longos anos de estudo sobre ele, além de compartilhar sua própria prática pedagógica e política.

Giovanni Semeraro traz também alguns dos elementos fundantes elaborados por Gramsci no enfrentamento do fascismo e das “revoluções passivas”, que procuravam encobrir pela violência ou capturar por concessões menores a potência extraordinária dos movimentos e lutas dos trabalhadores. Ele nos relembra como Gramsci, de forma muito precoce, observou a proximidade entre o liberalismo e o fascismo. Ademais, este livro traz contribuições para pensarmos as condições de emergência de novos fascismos, especialmente no Brasil, que carrega as trágicas cicatrizes do passado colonial, do latifúndio, dos racismos, do patriarcado, da desconsideração com o ser social, com a educação e com a socialização do conhecimento.

De forma extremamente pertinente, nos incita a dimensionar a distância histórica, pois tanto o fascismo do século XX quanto o fordismo ligavam-se estreitamente a um projeto industrial, de cunho fabril, ao qual as classes dominantes e seus intelectuais pretendiam subordinar extensos “exércitos” de operários. Ambos mobilizavam as massas; o fascismo de modo insano e brutal (levando-as a se acumpliciarem com o extermínio) e o fordismo por meio de duríssimo disciplinamento dos trabalhadores, da vida social, familiar e sexual. Na atualidade, o fascismo é apenas devorador e destruidor, nada tem a oferecer. Nenhum projeto. Apenas devastação.

Em pleno século XXI, nos deparamos com o que pensávamos jamais retornar do passado. Infelizmente, recentes formas políticas requentam o fascismo, derrotado em 1945. A tais formas até aqui denominei de “protofascistas”, uma vez que seus epígonos mantêm traços de similitude com o nazifascismo histórico, e porque muitas das dificuldades sociais que grassavam na Europa de inícios do século XX podem também ser encontradas na atualidade. Mas, como assinala Semeraro, o transcurso histórico de quase um século que nos separa do nazifascismo

original exige elaboração que permita a análise e apreensão das características próprias desse protofascismo, na escala atual de expansão do capitalismo, nas dimensões que o liberalismo (sob diversas roupagens) assumiu, na escala das lutas que brotaram incessantemente nesse mesmo período.

Este prefácio poderia se limitar à apresentação de um grande mestre e pesquisador e de sua refinada análise, cujo texto de agradável e inquietante leitura nos convoca para a urgência – a cada dia mais crucial – da atualidade de Gramsci. Peço a permissão para aceitar o desafio de alguns paralelos com a atualidade que Semeraro suscita, ao dividir conosco esse longo e fértil estudo sobre Gramsci. Serei breve, prometo. Dada a urgência sob a qual vivemos, retomo algumas das conversas que tivemos, eu e Giovanni Semeraro, quase sempre em encontros de trabalho, quando se abre um pequeno espaço de tempo para permitir fluir um debate que é a cada dia mais necessário. E que a cada vez me enriquece sobremaneira.

Um dos temas centrais de nossas conversas sempre foi o papel dos intelectuais e da educação. Reconhecemos juntos a enorme luta e os avanços realizados por movimentos sociais na educação, concebida em toda a sua dimensão de autonomia, de organização, de sociabilidade, de socialização e de formação cultural e social. O papel de destaque sem dúvida cabe ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), cujo formidável trabalho educativo e formador desdobrou-se em inúmeras direções, como a Pedagogia do Campo, a Escola Nacional Florestan Fernandes e na conexão entre as escolas do meio rural e as universidades públicas. Mas também falamos sobre o trabalho realizado por alguns sindicatos, alguns pequenos partidos e muitos grupos dispersos nas nossas universidades, escolas e em periferias. O trabalho educativo e formativo é hoje ferrenha

e grotescamente combatido pelos protofascistas e seus esbirros, militares, policiais ou outros.

Compreender a função social dos intelectuais é fundamental para a luta popular, para que suas organizações autônomas ou sem construir a conexão entre o pensar e o sentir, uma vez que ambos são condições para uma práxis coerente. Essa compreensão é também fundamental para desvendar as formas pelas quais a dominação de classes – a hegemonia – se produz, se expande e se infiltra nos poros da vida social. Como insiste Gramsci, a análise da sociabilidade nas sociedades capitalistas exige explicar a forma pela qual os grupos dominantes formam seus intelectuais, como educam para o consenso e para a subalternidade.

As iniciativas contra a universalização de uma educação laica e gratuita, contra o caráter de análise social crítica nas escolas públicas começou antes da ascensão protofascista, desde décadas, levadas a efeito por uma infinidade de aparelhos privados de hegemonia (APH) diretamente capitaneados pelo empresariado que se autoproclama liberal, isto é, pelas classes dominantes no Brasil. Como sabemos, a sociedade civil é âmbito de organização, de sociabilidade e de lutas, na qual permanentemente as contradições da vida sob o capitalismo geram novas formas associativas, novos enfrentamentos populares. Muitas vezes esses enfrentamentos expressam a emergência do senso comum, que traduz formas do sentir popular e apreende (sente) o que por vezes passa ao largo dos que são meramente profissionais burocráticos da educação. Sociedade civil é, pois, palco de intensa luta social, e as atividades nela desenvolvidas não se limitam aos setores populares ou democráticos. Nela também se fomenta a redução burocratizante das lutas pela socialização da política.

Há algumas décadas, inúmeras entidades associativas sem fins lucrativos diretamente financiadas pelo empresariado procuram apresentar-se como se tivessem a exclusividade da socie-

dade civil. Seu objetivo era – e continua sendo – variado, desde desqualificar conquistas realizadas pelas lutas populares pretéritas, até definir (e controlar) o perfil das políticas do Estado, além de disseminar uma concepção de educação voltada para a defesa do que chamam “meritocracia”, que nada mais é do que a exasperação da mais intensa concorrência entre os estudantes. Concorrência tão mais intensa quando ocorre sob o estreitamento dos gargalos sociais, em que massacrar o concorrente se torna condição de sobrevivência. Essa é, infelizmente, uma forma de prática pedagógica redutora e empobrecedora.

Os APH empresariais retomavam sob novas palavras a mesma prática histórica da dualidade da educação no Brasil, destinando uma escola pública pobre – desfinanciada e desprestigiada – para as massas populares e reservando ensino de luxo (não necessariamente de grande qualidade cultural) para a minoria. Sua atuação abrange todo o espectro da educação pública. As tentativas de dismantelar a universidade pública foram até aqui em parte fracassadas, mas os ataques foram constantes, introduzindo crescentes doses de privatizações, por meio de fundações e pela imposição de contratos de gestão, por exemplo, além da introdução de inúmeras práticas explicitamente privatistas, como os fundos patrimoniais. Em todos os níveis educacionais, esse empresariado “filantrópico” impulsionou a contratação de APH empresariais, ou Organizações Sociais (suas congêneres) para gestão, administração curricular e para formação e controle do pessoal docente e administrativo. Como se observa, disseminam a prática da destinação de recursos públicos para o setor privado e, ainda que sob o fino véu do “sem fins lucrativos”, desvirtuavam cotidianamente as práticas de democratização e socialização na educação pública. Não por coincidência, alguns dos maiores “filantropos-hegemonistas” são... bilionários proprietários de escolas privadas, como Jorge Paulo Lemann e a malha de

APH empresariais que financia. A ausência de fins lucrativos é apenas aparente, e endossa a destruição das verdadeiras práticas de escolhas coletivas, substituídas pelo suposto saber da gestão proprietária.

Exatamente como apontava Gramsci, setores das classes dominantes instalaram-se na no terreno da luta, na interface entre sociedade civil e sociedade política. Com belas palavras e muitos recursos (inclusive públicos), falsificaram palavras de ordem nascidas da luta popular, produziram uma enorme devastação nas conquistas políticas – pequenas, ainda frágeis, mas importantes – que resultavam de tantas lutas históricas. Implementaram uma prática generalizadora que reproduz e procura justificar a precarização das relações de trabalho. Em tais entidades supostamente “filantrópicas” – melhor seria chamá-las de “mercantil-filantrópicas”, pois seu intuito é a mercantilização da educação – muitos trabalhadores atuam como se fossem “voluntários” (sem direitos), mas devem substituir os trabalhadores com direitos, apontados como “privilegiados”. Substituí-los inclusive nas escolas públicas, instadas a realizar cada vez mais contratos com tais entidades e a contratar trabalhadores sem direitos. Difundiram um “empreendedorismo” que todos sabemos fictício, pois são trabalhadores, apenas expropriados de seus direitos. Inventaram seguidas contrarreformas na educação, divulgadas por seus “parceiros empresários” da grande mídia proprietária para implantar seu projeto de deseducação, sob o pomposo e enganoso título de *Todos pela Educação*.

Designei a ampla escala desse processo, não partidário mas profundamente político (pode ser considerado partidário no sentido gramsciano, da organização dos dominantes e da desorganização dos subjulgados), de *hegemonismo empresarial*. Não agem apenas nas escolas, e a educação hegemônica dominante não se limita ao âmbito escolar, embora nelas tenham tido ação impac-

tante. A atuação de tais aparelhos privados de hegemonia financiados pelo empresariado é talvez o âmbito mais bem investigado na atualidade e me permito indicar uma pesquisa realizada por pesquisadores oriundos da reforma agrária, sob a coordenação de Anakeila de Barros Stauffer: *Hegemonia burguesa na educação pública: problematizações no curso TEMS* (Rio de Janeiro: EPSJV, 2018). O livro está disponível gratuitamente no sítio na internet da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz (EPSJV-Fiocruz). Nos estudos ali realizados, evidenciam-se os variados formatos de atuação dos setores dominantes visando a minar a questão ambiental, a saúde pública, a luta pela reforma agrária, dentre outras. Sobretudo, vale destacar o tipo de atuação insidiosa que procura desmanchar a partir de dentro a autonomia das organizações populares.

O hegemonismo expandiu-se como maneira de assegurar a sujeição de massas de trabalhadores sem contratos, sem direitos mas, ainda assim, trabalhadores e produtores de enormes lucros para o empresariado. O mesmo empresariado que os expropriava de direitos, de terras, de condições de vida, sujeitando-os a jornadas ilimitadas, falsificava as reivindicações populares pela atuação de massas de intelectuais burocráticos. A devastação hegemônica empresarial, que se fantasiava de “democrática”, agia para reduzir qualquer elemento de democratização efetiva a cinzas, para tornar terra arrasada os espaços organizativos populares autônomos, portadores de uma “vontade nacional-popular”, em luta pela socialização da existência e da política. Ao contrário do intelectual orgânico “nacional-popular” de Gramsci, embora utilizando sua linguagem, a atuação de tais APH buscava encolher os elementos do bom-senso conquistados, para reduzi-los a formas cada vez mais fragmentárias de consciência.

Ao que tudo indica, não conseguiram conter tais massas crescentes de trabalhadores, em condições a cada dia mais precárias,

apenas por meio de tais expedientes. É do terreno devastado por tais liberais defensores de uma democracia-burocrática (como genialmente mostra Gramsci) que a situação brutal irrompeu. A configuração protofascista não é idêntica a dos hegemônistas, mas embora tenham divergências internas, até aqui parecem bem acomodados uma à outra. Dessa situação, resulta um duplo desenho: o mais visível, policializado ou milicializado, se traduz na propagação de escolas cujo funcionamento é de tipo policial, com a imposição aberta da censura, por meio de iniciativas do tipo “escola sem partido”, exemplo do uso adulterado dos termos, uma vez que se trata de amordaçar os docentes e silenciar o conhecimento. O anticomunismo contrarrevolucionário e preventivo mostra sua agressividade no trato com os setores subalternos, a serem domados – e em seu descompromisso com o conhecimento, reduzido a fórmulas prontas para decorar, sem conexão com a complexidade do mundo real, sem respeito pela ciência. Essa escola policializada se abre para novas modalidades de privatização da educação pública, com a remuneração adicional de policiais e militares em atuação escolar, abrindo a porta para inúmeras formas de desvios de recursos e de funções. O empresariado hegemônista e os protofascistas – estes últimos, aliás, contaram com o decidido apoio empresarial para a eleição de seu chefe – acomodam-se também na precedência que ambos atribuem à privatização do conjunto do fundo público, especialmente na educação e na saúde.

Os aparelhos privados de hegemonia *empresariais* e sua legião de intelectuais deixaram a frente da cena para o protofascismo, mas seguem em plena atuação, com legiões de trabalhadores com contratos precários e instáveis, enquanto seus dirigentes são remunerados como... empresários. Os protofascistas atacam todas as formas de educação pública, o que talvez incomode um pouco os setores dominantes hegemônistas, que preferem se

utilizar dela, fagocitá-la, devorá-la aos poucos. Os protofascistas combatem e criminalizam frontalmente os movimentos de educação popular crítica, que são o broto nascente de verdadeira educação pública, e o fazem sob o obsequioso silêncio do empresariado hegemônista.

A democracia não é uma fórmula institucional, nem um molde definido. Ela é sempre processo, é sempre democratização, movimentos de luta social para enfrentar as contradições do mundo real, para assegurar o protagonismo das massas subalternas, as massas que produzem a existência, frente aos que pretendem subjugar-las, domesticá-las, reduzi-las a meros seres descartáveis. Mas a luta sempre tem o outro lado. A redução da democracia a uma “técnica” de comando a ser gerida por intelectuais a soldo das classes dominantes é uma das estratégias que a restringe a uma encardida burocratização.

Como mostra Semeraro, precisamos incorporar a impressionante atualidade de Gramsci. Mas ele também destaca como simultaneamente é essencial pensar a distância histórica que nos separa do tempo no qual viveu o comunista sardo. Esse é o repto que nos apresenta este livro – armados com a reflexão gramsciana, precisamos enfrentar os desafios de nosso tempo.